

TUDO QUE FAÇO É PEDAGOGIA FEMINISTA

Silvia González (Casa Latina / Mujeres Sin Fronteras)

Traduzido por Valéria Araújo

Quero agradecer o convite para fazer parte do Simpósio de LAPES 2022. Caso não tenham escutado, meu nome é Sílvia Gonçalves. Sou trabalhadora do lar há mais de quinze anos. Faço parte da equipe da Casa Latina, uma organização sem fins lucrativos que promove o poder e bem estar dos imigrantes Latinos. A Casa Latina tem um programa chamado *Mujeres Sin Fronteras* (Mulheres sem Fronteiras), que promove o desenvolvimento de liderança de trabalhadoras do lar. Esse programa surgiu a partir da necessidade de criação de um espaço onde as trabalhadoras pudessem se organizar para lutar pela dignificação deste setor trabalhista e criar melhores condições de trabalho, sem deixar de lado seus próprios desafios como mulheres e mães. Esse é um espaço de e para a justiça social, onde são compartilhadas informações relevantes para as mulheres latinas. Eu sou o resultado desse grupo de liderança chamado Mulheres sem Fronteiras. Faço parte desse grupo desde 2011.

Quando recebi o convite para participar deste evento de pedagogias feministas me perguntei “Por que eles estão me convidando? O que todo meu trabalho tem a ver com isso? Pensei que haviam se enganado, mas me dei a tarefa de buscar o que significava “pedagogias feministas” e descobri, com surpresa, que esse é todo o trabalho que faço. O movimento pela luta dos direitos das trabalhadoras do lar são pedagogias feministas das trabalhadoras do lar.

HISTÓRIA DAS TRABALHADORAS DO LAR

Há pouco eu falava sobre o termo “*trabajadoras del hogar*” (trabalhadoras do lar), porque muitas pessoas usam o termo trabalhadoras domésticas. E isso é um movimento que vem acontecendo há anos junto a *Alianza Nacional de Trabajadoras del Hogar* (Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar). A palavra doméstica tem um significado muito forte em espanhol. Vem de domesticar, de controlar, de dominar. Parte do nosso trabalho, que se enquadra na pedagogia feminista, é mudar esse contexto. Queremos educar as pessoas pouco a pouco. Embora ainda estejamos em um

mundo moderno de escravidão, podemos continuar mudando frases, educando as pessoas. Sabemos que ao dizer “*Ahorita jesto no!*” (Agora, isso não!), talvez podemos deixar de fazer algo ou mudar frases que usamos há muito tempo. Talvez não seja a intenção deste espaço, mas esperamos que após esta sessão se lembrem de Silvia e possam nos ajudar nesse movimento de dar essa guinada e falar “trabalhadoras do lar” em vez de “trabalhadores domésticos.”

Quero mencionar alguns momentos históricos das trabalhadoras do lar. O trabalho do lar tem raízes na história da escravidão. Os colonizadores europeus usavam a violência para criar uma classe servil escravizada de trabalhadores Indígenas, Africanos e Brancos pobres. Isso lhes permitiu maximizar seus lucros e estabelecer o poder por meio da escravidão e da abolição. O colonialismo, o patriarcado e o capitalismo deram forma ao trabalho doméstico que é realizado principalmente por quem? por mulheres de cor.

No século dezenove e princípio do século vinte, os Estados Unidos se expandiram para o oeste e depois para o exterior, ocupando terras transformadas por gerações de violência colonial. O colonialismo e imperialismo estadunidense levaram novas formas de violência racial a todas essas zonas fronteiriças. Isso incluiu uma maior dependência da servidão Negra e Indígena. A classe servil também cresceu e incluiu trabalhadores imigrantes Mexicanos, Chineses, Irlandeses, entre outros. Durante as décadas de 1910 e 1920, os Afro-americanos migraram do sul para as cidades do norte fugindo da violência e da pobreza. Isso foi chamado de Grande Migração. Os imigrantes Caribenhos também chegaram às cidades do norte dos Estados Unidos. Nesse período também se viram obrigados, em grande parte, a realizar trabalhos do lar.

Nesse momento, formaram alianças e sindicatos para defender seus direitos. O movimento Afro-americano por liberdade deu origem a novas formas de organização entre as trabalhadoras do lar. Nas décadas de 1950 e 60 elas lideraram movimentos vitoriosos para acabar com a segregação racial, como o boicote dos ônibus de Montgomery entre 1955 e 1956. Nesse período, mais trabalhadoras do lar, do que nunca, se uniram ao movimento. Nos anos de 1970 e

80, como resultado do triunfo dos direitos civis, as mulheres Afro-americanas deixaram, em grande número, o trabalho doméstico e os empregadores começaram a contratar, em maior número, mulheres imigrantes Latino-americanas, Caribenhas e Asiáticas. A imigração e as políticas externas dos Estados Unidos criaram um novo grupo de trabalhadoras vulneráveis à exploração.

Quando estava repassando o que ia falar hoje, me veio à mente uma das frases que mencionaram ontem que dizia “ O passado é o que nos permite caminhar bem rumo ao futuro.” E por isso, por toda essa luta e história do passado, usando pedagogias feministas (talvez naquela época não conhecíamos essas palavras), é que foi criada a Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar.

O TRABALHO DA ALIANÇA NACIONAL DE TRABALHADORAS DO LAR

Tarei um pouquinho de história para depois encerrar com o que estamos trabalhando localmente, porque todos esses movimentos estão entrelaçados e é o que nos torna mais fortes. No momento da fundação da Aliança Nacional de Trabalhadoras, em junho de 2007, mais de cinquenta trabalhadoras do lar, representando treze organizações locais de todo o país, reuniram-se em Atlanta, Geórgia, para o Encontro Nacional das Trabalhadoras do Lar, como parte do primeiro Fórum social dos Estados Unidos, USSF. Cada uma dessas organizações estava trabalhando em suas cidades pela conquista de direitos e dignidade para as trabalhadoras do lar. Essas organizações sabiam que deveriam ir além de suas comunidades em busca de modelos, estratégias e um maior sentido de solidariedade para os projetos de organização das trabalhadoras do lar. Nas gerações anteriores, havia redes nacionais de organizações das trabalhadoras do lar, mas nessa época não havia tal órgão de coordenação nacional. Durante esse encontro de quatro dias, as trabalhadoras compartilharam modelos organizacionais, aprenderam a história do trabalho do lar, falaram sobre vitórias de campanhas e os desafios, e apresentaram suas lutas a milhares de participantes do Fórum.

Apesar das barreiras de idioma e as divisões culturais, as trabalhadoras compartilharam experiências de organização, riram e choraram juntas e desenvolveram relações duradouras. No último dia da reunião, essas organizações decidiram formar a Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar, conhecida por suas siglas em inglês como NDWA, a fim de construir um poder coletivo e elevar o trabalho local a um cenário nacional.

As organizações fundadoras—cabe mencioná-las porque são organizações tão poderosas que ainda existem—foram: *Colectivo de Mujeres del Centro Legal “La Raza”* (Coletivo de Mulheres do Centro Legal “A Raça”), mulheres ativas e pessoas organizadas pela conquista de direitos trabalhistas na área da baía do Norte da Califórnia; *La Coalición por los Derechos Humanos de los Inmigrantes de Los Angeles* (A Coalizão pelos Direitos Humanos dos Imigrantes de Los Angeles), conhecida como CHRLA; o *Centro de Trabajadores Filipinos* (Centro de Trabalhadores Filipinos) no sul da Califórnia; o projeto de mulheres trabalhadoras, conhecido por sua sigla em inglês, CAAAV: Organizando Comunidades Asiáticas; *La Asociación de Trabajadores Migrantes de Damayan* (A Associação de Trabalhadoras Migrantes de Damayan); *Trabajadoras Domésticas Unidas* (Trabalhadoras Domésticas Unidas); *Mujeres Haitianas* (Mulheres Haitianas), para as refugiadas do Haiti; *La Cooperativa Unidad de Limpiadoras del Proyecto Work Place de Hempstead* (A Cooperativa Unidade de Limpadoras do Projeto Work Place de Hempstead); *Las Señoras de Santa María en Nueva York* (As Senhoras de Santa Maria em Nova York); *Casa de Maryland*; e obviamente a *Casa Latina*.

Por que menciono todas essas organizações? Porque elas tiveram um papel muito importante na concretização da Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar. Muitas dessas organizações ainda estão na luta local pela conquista de benefícios para as trabalhadoras do lar. Hoje a Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar é a principal voz nacional em defesa da dignidade, justiça e respeito para milhões de trabalhadoras do lar nos Estados Unidos. Desde 2021, a Aliança é composta por mais de setenta e cinco organizações

afiliadas e comitês locais, assim como uma base crescente de filiações individuais em todo o país. Em 2019, uma carta nacional de direitos foi apresentada pela primeira vez no Congresso dos Estados Unidos. As defensoras dessa declaração de direitos foram a atual vice presidenta Kamala Harris e a congressista Pramila Jayapal.

Eu lembro que esse movimento foi muito impressionante. Éramos centenas de trabalhadoras em uma coletiva de imprensa fora do Congresso. Nesse momento, o movimento #MeToo se juntou a coletiva de imprensa e visitamos vários políticos dentro do Congresso. O movimento criado foi incrível, o *momentum* criado. A maioria dos políticos tem uma conexão com trabalhadoras do lar porque quando digo trabalhadoras do lar, incluem várias coisas: babás, limpadoras de casas, pessoas que cuidam do que há de mais precioso, seus pais. Lembro que estávamos em uma sala com Alexandria Ocasio Cortéz, uma das políticas também defensora, entre tantos outros políticos, e ela nos contou que sua mãe limpava casas e que ela ia com sua mãe; e que enquanto a sua mãe limpava a casa ela se sentava para fazer o dever de casa. Todos nós nos conectamos em algum momento com isso. Eu continuo limpando casas e me lembro de quando limpava casas e levava minha filha. E quando você escuta Alexandria Ocasio Cortez contar a sua história, você se identifica e sente que está no caminho certo. Verdade? Não é que [minha filha] vá se tornar uma política, mas você pode fazer alguma coisa nesse movimento para mudar as leis e deixar um caminho com melhores condições de trabalho para as novas gerações, porque o trabalho do lar nunca vai acabar.

Quantas pessoas continuam cruzando a fronteira para chegar neste país? Eu falava com um companheiro [do público], quantas pessoas estão tentando do México? Chegamos neste país em busca de uma educação melhor, uma forma de vida melhor. Falávamos que não queremos deixar a nossa terra, nossos países, nossos costumes para vir para cá e sofrer discriminação. Mas estamos aqui. Temos que seguir adiante. Então, voltando a esse espaço no Congresso, quando escutei Alexandria Ocasio Cortéz. Isso empodera. Isso dá força para seguir lutando.

Em 2019, a Carta Nacional de Direitos foi apresentada. Não passou. Mas isso não quer dizer que jogamos a toalha. Em 2022, aproximadamente menos de um mês depois, voltamos ao Congresso dos Estados Unidos. A pandemia nos deteve um pouquinho, mas tomamos ar e voltamos. Ainda não foi decidido. Os papéis ainda estão sobre a mesa. Mas tivemos mais aceitação, mais políticos nos escutaram, mais políticos sabem que existem milhares, milhões de trabalhadoras do lar nas sombras, desprotegidas. Lembro-me agora de ouvir Nancy Pelosi ao nosso lado dizendo que nos apoia e que está conosco, e obviamente Jayapal, que ainda é uma das defensoras da Carta de Direitos.

Todo esse movimento tem muitas caras. Porque ao estar no Congresso dos Estados Unidos, são muitos os desafios e não somente econômicos, porque são mulheres que não têm status legal e entram no Congresso. Você pode imaginar o medo que essas mulheres sentem quando passam por um detector e veem um monte de gente ali com armas e tudo? É um medo tremendo, mas a necessidade de mudança é mais forte. Se não *quitamos el dedo del miedo* (tirarmos o dedo do medo), se eles rejeitarem, nós voltamos lá, porque a primeira vez que nos apresentamos, duas ou três pessoas estavam lá, tudo bem. Agora, dessa vez, houve mais consciência. A próxima vez pode ser a última, se conseguirmos.

A Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar trabalha para alcançar três objetivos estratégicos principais:

- 1) Elevar o nível da força de trabalho nacional ao obter novas proteções legais
- 2) Mudar as práticas comerciais no setor privado
- 3) Ajudar na construção de um movimento poderoso pela conquista de uma economia e democracia que funcionem para todos nós, canalizando a transformação e o poder cívico das trabalhadoras do lar, mulheres e pessoas de cor.

As suas múltiplas identidades e experiências impactam as trabalhadoras do lar. Por isso, a Aliança Nacional de Trabalhadoras

do Lar aplica seus objetivos estratégicos em muitos níveis, não somente no lugar de trabalho.

A Aliança conquistou cartas de direitos para as trabalhadoras do lar em nível estadual e municipal. Também liderou iniciativas que mudaram a política de imigração e combateram o racismo antinegro. Os esforços de mudança cultural da Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar aumentaram a consciência pública sobre a importância do trabalho do lar; da humanidade e da contribuição de todos os imigrantes; do poder da história; da liderança negra; e da necessidade de cuidados dignos tanto para as trabalhadoras quanto para os destinatários dos cuidados.

A visão e a estratégia da Aliança Nacional não seriam possíveis sem a liderança de centenas de trabalhadoras do lar. Todos os anos, centenas de trabalhadoras do lar participam de programas intensivos de desenvolvimento de liderança, que também podemos chamar de pedagogias feministas.

Isso inclui um programa chamado “*Unidad, dignidad y poder*” (“Unidade, Dignidade e Poder”) e “*Nosotros soñamos en negro*” (“Nós sonhamos em negro”). Esses programas posicionam as trabalhadoras do lar para liderar campanhas vencedoras; ampliar a perspectiva das trabalhadoras do lar no trabalho de mudança cultural e nas mídias de massa; construir organizações sustentáveis; e participar de práticas que promovam a cura e a resiliência. Isso é falando da Aliança Nacional, de um movimento nacional.

O AVANÇO INTERNACIONAL

Agora vou falar um pouquinho sobre o movimento internacional. No dia 16 de junho vamos celebrar o grande Dia Internacional das Trabalhadoras do Lar. Tudo isso devido à construção de um movimento internacional. Em 2009, a primeira organização transnacional de trabalhadoras do lar, a Rede Internacional de Trabalhadoras do Lar (*Red Internacional de Trabajadoras del Hogar*), IDWN, foi lançada na Conferência Sindical Internacional em Genebra, Suíça.

Sindicatos e organizações de trabalhadoras do lar organizaram um evento para se reunir. Elas vieram de todas as partes do mundo, incluindo África, Ásia, Caribe e América Latina. Muitos desses grupos vinham se organizando há décadas. Seu objetivo principal era mobilizar organizações de trabalhadoras do lar e seus aliados em todo o planeta, com o fim de estabelecer padrões internacionais para o trabalho do lar remunerado. Além disso, buscavam compartilhar recursos e melhores práticas organizacionais para alcançar padrões trabalhistas em seus respectivos países.

Um dos principais objetivos da Rede Internacional de Trabalhadoras do Lar era abordar a Convenção 189 sobre trabalho decente para as trabalhadoras do lar. A Rede promoveu padrões internacionais de trabalho na Organização Internacional do Trabalho (ILO) das Nações Unidas, que é o maior órgão de governança trabalhista do mundo. A Convenção reconheceu que as trabalhadoras do lar têm os mesmos direitos e proteções trabalhistas básicas que os outros trabalhadores. Também incluiu dispositivos que estabeleciam as necessidades específicas desse setor. Em 2013 a Rede Internacional de Trabalhadoras do Lar tornou-se uma federação formal de organizações de trabalhadoras do lar. Se converteu na Federação Internacional de Trabalhadoras do Lar, com mais de 200 trabalhadoras participando dessa nova federação.

A Federação é a única federação trabalhista no mundo liderada por mulheres. Seu enfoque principal é ajudar grupos nacionais a implementar padrões e proteções locais. Desde maio de 2020, ela conta com setenta e quatro afiliados de cinquenta e sete países. Representa mais de 560.000 trabalhadoras do lar em sindicatos, cooperativas de trabalhadoras e outras organizações. A Aliança Nacional de Trabalhadoras do Lar tem representação na Federação Internacional de Trabalhadoras do Lar.

Myrtle Witbooi é presidenta da Federação e ex-trabalhadora de lar da África do Sul. Ela vinculou sua história pessoal com o movimento. “Minha mãe era cozinheira. Meu pai era jardineiro. Por isso sou sindicalista, sindicalista, sindicalista.” Myrtle continuou: “A nova federação terá uma grande tarefa pela frente, mas com a liderança

certa conquistaremos o mundo. Não somos mais escravas, somos trabalhadoras com os mesmos direitos que os demais trabalhadores.” Escutar ou ler Myrtle me faz lembrar, às vezes, porque tenho paixão por esse movimento.

Na década de 1970, minha mãe era lavadeira. Lembro que ela conta que ia na casa das pessoas ricas e batia na porta para perguntar se tinham roupa para lavar. Nos nossos países pobres, onde não havia máquinas de lavar roupa, ela tinha que ir ao rio, onde passava a maior parte do tempo com seus joelhos dentro d’água. Agora a minha mãe não pode caminhar bem, exceto com o apoio de um andador, devido às dores reumáticas nos joelhos. Ela tinha que passar roupas com aqueles ferros pesados que eram colocados na brasa, sem eletricidade, sem nada e por um salário miserável que não era suficiente nem para pôr comida na mesa. Talvez seja por isso que carrego esse movimento nas minhas veias. Não tanto por ser trabalhadora do lar, mas em homenagem a minha mãe e não somente a ela. Quantas mulheres em nossos países seguem fazendo isso e sem poder levantar a voz, sem poder dizer nada, por causa do machismo, do capitalismo e por tantas outras coisas?

O TRABALHO DA CASA LATINA

Embora a Federação reconheça que as trabalhadoras do lar devam ter os mesmos direitos trabalhistas básicos, essa não é a nossa realidade. Em muitas partes do país, não estamos protegidas pelas leis trabalhistas. Atualmente nos Estados Unidos somente dez estados possuem cartas de direitos para as trabalhadoras do lar. Dez estados e duas cidades possuem carta de direitos. Entre essas cidades está a cidade de Seattle e aqui meu companheiro [Jason Wozniak] está me dizendo que a outra é Filadélfia.

Em 2019, Seattle foi a primeira cidade de toda a nação a ganhar uma carta de direitos que protege 33.000 trabalhadoras do lar, seguida pela Filadélfia. Essa Carta de Direitos para a cidade inclui direitos básicos como salário-mínimo, descanso, tempo para comer, proteção contra o assédio sexual e o direito de que o empregador ou

patrão não retenha seus documentos. Também conquistou o direito de ter uma *Mesa de Estándares Laborales* (Conselho de Normas Trabalhistas), um modelo único em nível nacional. A *Mesa de Estándares Laborales* oferece um espaço para que os trabalhadores do lar, os empregadores de lar privados, as organizações de trabalhadores e o público considerem e sugiram formas de melhorar as condições de trabalho das trabalhadoras do lar. Tudo isso não seria possível se a Casa Latina não existisse.

A Casa Latina tem uma base de aproximadamente 300 trabalhadoras do lar. Poderíamos dizer que 90% são limpadoras de casas, embora a Carta de Direitos de Seattle inclua limpadoras de casas, babás, *cuidadoras*, jardineiros, governantas e cozinheiros ou cozinheiras.

Também temos uma grande base de jardineiros. Mas temos uma grande dificuldade em alcançar os jardineiros, para que se sintam incluídos nessa Carta de Direitos. Por que você acha que eles não se sentem incluídos ou não se sentem pertencentes a essa carta de direitos? Porque são homens, porque eles não se sentem como parte do trabalho do lar.

Há muito trabalho de educação que ainda precisa ser feito. Um dos grandes desafios que temos com a Carta que já conquistamos, e creio que isso seja o caso da maioria dos lugares que conquistou uma carta de direitos, é poder levar informação, é conseguir chegar na comunidade, tanto trabalhadora como empregadora ou no dono de casa. Há três anos temos uma carta de direitos na cidade e ainda não conseguimos alcançar 50% das trabalhadoras do lar. Mas seguimos na luta. Conseguimos mais orçamento por parte da cidade para continuar buscando maneiras e estratégias para alcançar tanto empregadores como trabalhadores. A Casa Latina trabalha em um modelo de promotoras, porque sabemos que a maioria dos trabalhadores pode não se sentir à vontade para ir às organizações. Não se identificam. Essas promotoras vão aos pontos de ônibus, aos supermercados, levando informação. Eles não precisam ir à Casa Latina para obter informações, mas é importante que conheçam seus direitos.

E outro ponto muito importante é que temos que fazer um trabalho de educação com as trabalhadoras do lar e acreditar que o trabalho que fazemos é tão digno quanto o de um professor, de um dentista ou de um educador. Porque se não acredito, como vou poder projetar isso? É fácil falar, mas na hora da ação não é. Sempre que me perguntam, o que você faz? Antes de citar a Casa Latina digo que sou trabalhadora de lares.

Lembro que ontem também falávamos sobre a dívida. Me perguntaram como é a questão da dívida para as trabalhadoras do lar. Vou pegar a minha filha, que está aqui, como exemplo. É duro. As trabalhadoras do lar se endividam e bastante porque ganham um salário baixo. Agora com a pandemia, mesmo que esteja doente você tem que pagar as *contas*.¹ Não temos segurança médica. Não temos dias de licença médica pagos, nem um. E o que fazemos? Pegamos emprestado do banco, vamos acumulando e as dívidas aumentando.

Lembro de quando a minha filha foi para a universidade. Nós fomos deixá-la na universidade. Eu tinha um trabalho e eu disse a ela “Eu não sei. Mas, você se encarrega dos números na escola e eu me encarrego dos números desse lado daqui.” Na semana seguinte, o lugar onde eu trabalhava fechou e foi quando o mundo desabou sobre mim. Ainda bem que eu não tinha empréstimos, certo?, mas sem o apoio de bolsas de estudos, sem apoio de nada. Foi quando iniciei a minha carreira no movimento das trabalhadoras do lar. Não esqueço porque minha filha foi para a escola em 2011 e eu conheci a Casa Latina em 2011. Foi quando começaram as minhas pedagogias feministas.

Me disseram: “Esta Casa Latina conecta trabalhadoras do lar com donos de casa.” E eu disse, aqui vou eu. Eu trabalhava em até duas casas por dia e às tardes trabalhava num restaurante de *fast food*. E assim levava cada semestre. Começava cada semestre e eu tinha que ver quanto dinheiro ainda faltava para pagar a universidade. Não pedia empréstimos aos meus amigos, eu dizia “uma ajuda”. Eu pedia por todos os lados. Naquela época não existia *GoFundMe* ou algo assim. Se eu conhecesse isso antes, teria me candidatado a essas

1→ Em inglês no original.

coisas. Lembro que minha filha me dizia “Mamãe, como você faz para pagar?” Lembro que não comprava nem um café. Tinha que economizar cada *penny*², cada centavo. Chegava no restaurante e meus companheiros me conheciam: quando chegava, já tinha a comida posta. Eles falavam: “Come antes de entrar”, porque sabiam que eu vinha do trabalho de limpeza de casas e que ainda não tinha comido.

E minha filha ainda dizia “Meus amigos me perguntaram em que você trabalha e como você faz para pagar a escola.” E eu respondia “Diga a eles, com muita honra, que sua mãe trabalha limpando casas.” Porque sim, é verdade que não ganho muito, mas tudo depende de como você organiza as suas finanças para poder seguir em frente. Ela se formou e agora sabe o valor que é ser mãe e lutar para apoiar os filhos na realização de seus sonhos.

Voltando a Casa Latina, a Casa Latina trabalha muito com o “poder com” e não com o “poder sobre.” Também trabalha muito com o poder da narrativa. Sem o poder da narrativa, a Carta de Direitos não teria sido anunciada tão rápido. As trabalhadoras do lar foram diante dos políticos, dos vereadores, apresentaram as suas vulnerabilidades e a necessidade da garantia de um salário-mínimo, horário de folga e horário para comer.

Isso, o poder da narrativa. O “poder com” é o que faz com as trabalhadoras do lar na Casa Latina se sintam empoderadas, se sintam em casa.

Às vezes me perguntam se eu gosto do meu trabalho, se o que eu faço me dá dinheiro suficiente. Talvez não, mas o sentimento que tenho de poder ajudar as pessoas, poder estar com elas, educar as pessoas, transformar a vida das pessoas, das trabalhadoras do lar, elevar as suas vozes, me faz bem e me enche de orgulho. Recebo, mas também dou. E agora sei que tudo que faço são pedagogias feministas.■

2 → Em inglês no original.